



## “Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

**Eixo temático:** Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

**Sub-eixo:** Relações Patriarcais de classe, gênero e raça

### O FEMINISMO NEGRO: UM OLHAR SOBRE A QUESTÃO SOCIAL, SEXUAL E RACIAL.

ALINE PEREIRA DIAS <sup>1</sup>  
JONATHAN JORGE FERREIRA <sup>2</sup>  
CAMILLA STEFANNI PEREIRA SILVA <sup>2</sup>  
KETIELLY ARAUJO DA SILVA <sup>2</sup>  
MARIANA SILVA PAES <sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo o debate sobre o feminismo negro e sua teoria, bem como sobre as implicações da questão de gênero, raça e classe para as mulheres negras, considerando os impactos sobre o feminismo negro mediante a interseccionalidade, que em seu contexto intensifica esta divisão. A temática central está na divisão social e sexual do trabalho, em que mulheres sofrem a maior opressão e inferiorização no mercado de trabalho onde seus salários são inferiores aos homens, a reprodução cultural das funções domésticas para as mulheres e os privilégios aos homens.

Palavras-chave: Raça, gênero e classe, interseccionalidade, feminismo negro.

---

1 Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal Do Tocantins

2 Estudante de Graduação. Universidade Federal Do Tocantins

## ABSTRATC

This article aims to debate black feminism and its theory, as well as the implications of the issue of gender, race and class for black women, considering the impacts on black feminism through intersectionality, which in its context intensifies this division. The central theme is the social and sexual division of work, in which women suffer the greatest oppression and inferiorization in the labor market where their wages are lower than men, the cultural reproduction of domestic functions for women and privileges for men.

Keywords: Race, gender and class, intersectionality, black feminism.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como perspectiva de análise compreender em que, e no que consiste o feminismo negro, seus desdobramentos e a interseccionalidade levando em consideração as mulheres negras como centrais nesse debate, na disputa acadêmica onde estas são consideradas as outras.

A interseccionalidade de gênero, raça e classe são geradoras de desigualdades que estruturadas formam uma gama de condições que na sociedade capitalista nega e não reconhece essas barreiras como fundamentais para mantê-las na base da pirâmide social, o que traz implicações as mulheres negras.

Na tentativa de demonstrar por meio das pesquisas o artigo se articula entre o movimento, sua teoria e as manifestações na contemporaneidade.

## O QUE É O FEMINISMO NEGRO? E OS DESDOBRAMENTOS DA POLÍTICA DO PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO

O Movimento Feminista - (MF) é sem dúvidas um dos maiores e mais significativos movimentos para as lutas sociais, política e ideológica das mulheres em prol dos seus direitos frente às amarras patriarcais da sociedade, além disso, o movimento trouxe e traz grandes mobilizações sociais contribuindo incisivamente no processo de democratização do Estado. No entanto, como todo movimento ou ato revolucionário, tem seus passes, impasses e interfaces, no MF não se fizeram diferente. Com relação a ele Collins (2017) enfatiza que:

Globalmente, a agenda feminista abrange várias áreas importantes. Em primeiro lugar, a situação econômica e as questões relacionadas com a pobreza global das mulheres, tais como oportunidades de educação, desenvolvimento industrial, racismo ambiental, políticas de emprego, prostituição e leis de herança em matéria de propriedade, constituem uma questão fundamental global das mulheres. Direitos políticos para as mulheres, tais como conseguir o voto, direito de participar de reuniões, viajar, obter cargos públicos; os direitos dos presos políticos e violações básicas de direitos humanos contra as mulheres como estupro e tortura, constituem uma segunda área de preocupação. Uma terceira área de preocupação global consiste em problemas conjugais e familiares, como leis de casamento e divórcio, políticas de custódia da criança e trabalho doméstico. Questões de saúde e sobrevivência das mulheres, tais como direitos reprodutivos, gravidez, sexualidade e AIDS constituem outra área de preocupação feminista global. Essa ampla agenda feminista mundial encontra expressões distintas em diferentes regiões do mundo e entre as diversas populações. (COLLINS, 2017, p. 12)

Ora, Collins, (1990), traz à tona na escrita de seu livro sobre o Pensamento Feminista Negro, que, pautas relacionadas às mulheres afro-americanas historicamente não foram incorporadas nas organizações de um feminismo originado por brancas, o movimento feminista ocidental. Este foi acusado por mulheres negras, latino-americanas, indígenas e asiático-americanas, de racismo, na medida em que tal movimento, em suma, é formado por mulheres brancas e de classe média, mostrou se preocupar apenas com questões que lhes diziam respeito. O viés

eurocêntrico do movimento feminista ocidental, invisibiliza as questões das mulheres negras, entendido uma vez que omissão também é uma forma de supressão, se buscou evidenciar que as relações socialmente estabelecidas entre as mulheres de diferentes grupos têm suas sensibilidades e subjetividades.

O Movimento Feminismo Negro - (MFN) é uma designação estabelecida para nomear o movimento de mulheres negras que atuam nas esferas da discussão de gênero e raça. Tal movimento elucida as intersecções e as diferentes vivências que são determinadas a partir das relações estruturais que se formaram, onde, raça, classe e gênero solidificam o status da pessoa na sociedade, em suma, da mulher negra. “Esse processo ocorreu no contexto de diferenciação no interior do movimento feminista, especialmente durante a década de 1980, embasada nas críticas das militantes negras à ausência de reconhecimento das especificidades das relações entre classe e raça.” (DAMASCO, MAIO & MONTEIRO, 2012).

Na busca de visibilidade dentro do movimento feminista juntamente com ênfase no meio social, nos aspectos políticos, econômicos e acadêmicos. A estruturação do movimento feminista negro veio como uma forma de contemplar e de fortalecer o seu espaço de luta de maneira coletiva em prol da proeminência de seu espaço e direitos diante da realidade social que a mulher negra é imposta, que além de buscar um vínculo entre essas mulheres, visa trazer à tona a partir de uma análise sócio-histórica as questões sociais de preconceito e exploração que lhe são impostas na sociedade e que se manteve invisibilizadas pelo sistema capitalista e pelas pautas contempladas no feminismo elitizado sufragista e no movimento negro.

Tais problemas perpassam pelo processo de escravagismo, que estruturou todo pensar social de acordo com as questões biológicas físicas de determinados grupos, criando conceitos de raças e subposições de uma pela outra, até a contemporaneidade o movimento higienista<sup>3</sup> e eugenista<sup>4</sup> é uma prova dessa

---

3O Movimento Higienista se institui na preocupação da medicina social com a saúde, buscando incentivar a população aos hábitos higiênicos para a melhoria das condições higiênicas do meio social e dos próprios indivíduos, visto que, decorrente do processo de industrialização, a sociedade que se formara em meados do século XIX e XX, trouxe uma desordem na estrutura social, nas relações sanitárias que levaram a surtos epidêmicos de doenças como, malária, varíola, e febre amarela. (BOARINI & YAMAMOTO, 2004)

4O Eugenismo foi um termo estruturado sobre as ciências naturais, ligado a estudos referentes ao Darwinismo Social e nas teorias de George Mendel sobre a hereditariedade, assim, estruturou-se um pensar ligado a melhoria da sociedade (do humano) e uma reestruturação racial a partir de políticas de controle de reprodução e

inferiorização imposta por aqueles que dominam, e corroborou para todo esse imaginário criado, que solidificou a forma com que se estabelecem as relações na contemporaneidade.

A singularidade desse movimento busca retratar e busca estabelecer direitos de igualdade e equidade e o direito visibilizando e buscado maior ênfase a voz da mulher negra na sociedade frente aos percalços, discriminação e exclusão a qual sofrem na sociedade. Para Ribeiro (2016), “Mulheres negras vêm historicamente pensando a categoria mulher de forma não universal e crítica, apontando sempre para a necessidade de se perceber outras possibilidades de ser mulher.”

Ao refletir sobre os espaços que ocupamos, bem como ao enfrentar o cotidiano não é difícil como aponta Ribeiro (2019, p. 17) Como muitas pessoas negras que circulam em espaços de poder, já fui “confundida” com copeira, faxineira ou, no caso de hotéis de luxo, prostituta. Obviamente não estou questionando a dignidade dessas profissões, mas o porquê de pessoas negras se verem reduzidas a determinados estereótipos, em vez de serem reconhecidas como seres humanos em toda a sua complexidade e com suas contradições.

Na sociedade a mulher é colocada constantemente como figura de fragilidade e inferioridade em relação ao público biologicamente masculino, no entanto a mulher negra está em um cenário ainda mais avassalador, visto que é submetida a um espaço subalterno a figura da mulher branca seja ela a qual classe social pertencer com isso, corroborando para o que foi apontado, traz-se por Ribeiro (2016):

O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não a coloca como sujeitos políticos. Um silêncio que, por exemplo, faz com que nos últimos 10 anos tenha diminuído o assassinato de mulheres brancas em quase 10% e aumentado em quase 55% o de mulheres negras, segundo o Mapa da Violência de 2015.<sup>11</sup> A falta de um olhar étnico-racial para políticas de enfrentamento a violência contra a mulher. A combinação de opressões coloca a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática que não negue identidades em detrimentos de outras. (RIBEIRO, 2016)

---

matrimônio, de pessoas com deficiências, transtornos mentais ou não brancas, buscando a perpetuação dos “melhores”. (BOARINI & YAMAMOTO, 2004). Sendo assim, o movimento eugenista “[...] tem pôr fim a melhoria progressiva da espécie pelo fomento da ‘boa geração’, pela ‘procriação hígida’ consistindo, em suma, no enobrecimento físico e mental do homem. (...)’ como ciência, tem por objeto a investigação da herança biológica; como arte, tem por escopo a bôa procriação.” (Kehl, 1935, p. 15)

---

A mulher – branca - foi “inserida” com mais abrangência no mercado de trabalho no período da revolução industrial, contudo, a mulher negra ocupa esse espaço aproximadamente desde o período escravista a qual já estava no sistema proletário/escravista operando na Casa Grande, e nas lavouras sendo utilizada como rede de apoio das mulheres brancas de seus senhores e filhos colocadas como “carne” mais barata e sem valor social, além de já neste período ser categorizada como objeto de exploração e sexismo.

Portanto, o Movimento feminista negro vem no intuito de trabalhar com as opressões vivenciadas pelas mulheres negras em seu espaço social. “Tais mudanças resultaram nos anos 1990, na reconfiguração do movimento feminista mediante o surgimento de ONGs vinculadas ao feminismo negro, a exemplo de Criola, Geledés, Fala Preta, que privilegiaram o tema da saúde reprodutiva da mulher negra.” (DAMASCO, MAIO & MONTEIRO, 2012).

Para melhor compreender Collins (1990) fala das dimensões que relacionadas levam a opressão das mulheres negras. Eis elas: 1) A exploração da mulher negra alimentando o mercado econômico através da mais-valia a qual tem seu trabalho desvalorizado e precarizado; 2) a negação de direitos e privilégios em relação a mulheres e em específico os homens brancos, perante a ocupação de espaços, econômicos, políticos, educacionais e ideológicos; e 3) A dimensão ideológica, a opressão das mulheres negras a partir de estereótipos negativos, que, se formaram ao longo da história a partir das relações que se desenvolveram com estas, tal fundamento reflete o imaginário e o interesse de um grupo de pessoas, em suma, os que detêm o domínio político.

O pensamento social do movimento advém da opressão da interseccionalidade de classe, raça e gênero. Com isso, o movimento busca rever e findar a injustiça social que cerca a trajetória e da história da mulher negra na sociedade de forma que subtraia a inserção das mulheres negras nas expressões da questão social e que não sejam constantemente excluídas no campo social, político e educacional estigmatizada como objeto de exploração e inferioridade. O MFN traz uma perspectiva semelhante ao pensamento marxista, a qual presa pelo direito de igualdade social se esvaindo do estigma de exploração por uma classe dominante

sobre outra. Entretanto, Collins (2017) em seu estudo adverte que:

Apesar da promessa dessa abordagem, é importante considerar as limitações do mulherismo, do feminismo negro, e de todas as outras filosofias progressistas. Identificando-se com “mulherismo”, “feminismo negro”, ou qualquer outra coisa, não é possível que as mulheres negras tenham uma visão superior do que a comunidade deveria ser, quanta justiça poderia sentir, e assim por diante. Isso pressupõe que tal perspectiva chega sem conflito, rigor intelectual e luta política. Enquanto a localização particular das mulheres negras proporciona um ângulo diferente de visão sobre a opressão, essa perspectiva não é privilegiada e nem completa. Nesse sentido, abraçar as ideias de heterogeneidade dentro das comunidades de mulheres negras martelando um ponto de vista das mulheres negras autodefinidas abre o caminho para outros grupos que desejam seguir. Como mulheres negras podemos liderar o caminho ou podemos seguir atrás. As coisas vão continuar a seguir em frente, independentemente da nossa escolha. (COLLINS, 2017, p. 21)

Portanto, o Movimento Feminista Negro, não foi apenas uma grande conquista no reconhecimento social a qual ultrapassa as barreiras da exclusão, mas também do reconhecimento do racismo estrutural coligada com a discriminação racial que induzem artefatos de produção e reprodução das desigualdades sociais e possibilitando para que a mulher Negra possa ocupar seu lugar de voz e seu espaço de igualdade na sociedade e com ressalva ao que diz Ribeiro (2016) que “Numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais se torna necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório.” Por fim, ressalva-se a importância e a necessidade do Movimento feminista Negro na categorização dos direitos sociais e autonomia da mulher negra.

Ao analisar essa perspectiva faz – se necessário trazer a tona a historicidade, bem como o que as mulheres negras que estão do outro lado do continente e que por toda sua historicidade com eventos como o escravismo e a colonização estão submetidos a preconceitos e uma maior invisibilidade, todavia estão construindo respostas e movimentos em nome de uma nova ordem de sociedade.

## **Historicidade: base da cultura negra, o desenvolvimento cultural e a definição de gênero**

Conforme Oyérónke (2021) a invenção das mulheres apresenta uma crítica da tradição ocidental que alterou o modo de como os estudos de gênero se articulam na recuperação dos conceitos africanos apagados pela experiência colonial, pois antes da intervenção ocidental a sociedade Oyó-Iorubá do sudeste da Nigéria, estruturavam os papéis sociais e hierárquicos pela senioridade e conhecimento, e não pela divisão de gênero, chamando a atenção para os processos que teve a tradição cultural e linguística para os processos de colonização e inserção de gênero na sociedade ioruba.

O Iorubá é uma língua tonal, ou seja, o modo de como a tonalidade é empregada faz parte do conjunto de sentidos culturais linguísticos. Nesta sociedade, é a idade cronológica relativa que distribui os lugares de prestígio na sociedade, e não o tipo sexuado de corpo.

A estruturação dos iorubas é de conotação religiosa-comunitária, pois esta entrelaçada com o culto aos orixás onde cada região africana cultuava e se iniciava um orixá, a exemplo dos iorubas que cultuam Oxóssi como patrono da sua nação: Ketu, ou Oxumarê como patrono da nação: Jejê, e assim a sociedade se organizava.

No Brasil, as pessoas escravizadas ao chegarem reproduziram sua nova África e já perdem sua identidade patriarcal e assumem uma reestruturação totalmente adversa – não se sabe se foi devido ao contexto imposto de gênero ocidental e quais eram os determinismos dos que aqui chegaram. Os novos núcleos que se expandiram obtinham como as mulheres líderes sacerdotisas e o estigma das ações sociais desenvolvidas na comunidade e nos postos religiosos.

Embora as divisões de tarefas dentro do culto e da comunidade tenham se padronizados a ótica ocidental com a estruturação de gênero, a dualidade é



presente e podemos analisar nos itãs (histórias sagradas) onde a sexualidade e o gênero são neutros ou dualistas como, por exemplo: Logunedé que possui dualidade de gênero ou Orumilá que não há sexo.

Mesmo que com alguns resquícios desta neutralidade anamacho/anafêmea, esta estruturação religiosa-comunitária tem tantos adeptos e simpatizantes que não fazem parte deste segmento ocidental de distribuição de poder e privilégios através do gênero e do padrão ocidental a exemplo homossexuais como sacerdotes religiosos.

As mudanças ocasionadas pela imposição das categorias de gênero ocidentais sobre os povos iorubas interferiram nos nomes, nas funções e em toda a estrutura de gênero embora, mesmo de que maneira inconsciente ou conscientemente.

Publicado como livro em 1977, “A **Invenção das Mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero”, resulta da tese de doutorado da socióloga nigeriana Oyérónke Oyêwúmí (2021). A pesquisadora oxunista, revela como a ideologia do determinismo biológico está na cerne das categorias sociais ocidentais e de como compreender o papel social da mulher por um viés africano, especialmente da cultura “ioruba”.

Nos primeiros capítulos analisa-se como o pensamento social ocidental está enraizado na biologia, usando o corpo como fundamento da ordem social, e o domínio ocidental na constituição do conhecimento sobre a África. Dessa maneira, sua análise acaba por destacar a natureza contraditória de dois pressupostos fundamentais da teoria feminista “o gênero é socialmente construído” e que a “subordinação das mulheres é universal”.

Nesse sentido, mulheres negras vêm sofrendo uma diversidade de implicações da questão social que se traduzem nesta sociabilidade capitalista em perca ou não acesso a direitos fundamentais. E sobre isso é importante destacar uma série de violações em seus corpos, na sua relação com o trabalho, com a

educação, com a saúde, e com os modos de produção e reprodução da vida em sociedade.

As implicações da questão de gênero, raça e classe para as mulheres negras

A divisão social intensificada em gênero, raça e classe é abordada pela perspectiva teórica metodológica da interseccionalidade, principalmente para a interpretação da vida cotidiana de mulheres negras, que vem desconstruindo a identidade atribuída a elas, e fixando o real significado de ser uma mulher negra, mediante aos preconceitos e exploração que esse grupo social sofre no decorrer da historicidade.

As condições de vida da população negra correspondem às características impostas pelo capitalismo e suas implicações, diversificando e intensificando as expressões da questão social, o mesmo é aguçado quando o assunto é mercado de trabalho e trabalho assalariado, o que atinge diretamente a classe subalterna, mais precisamente a população negra, com destaque para mulheres negras.

Ao falar do mercado de trabalho, ao atribuí mulheres a este espaço, fica a interpretação do quanto são inferiorizadas, neste contexto, cabe a análise do papel das mulheres na sociedade, o palco das relações sociais que colocam a mulher associada ao circo familiar, como reprodutora e cuidadora do lar.

Neste mesmo sentido cabe à divisão social do trabalho inferiorizar o trabalho doméstico feminino fazendo com que não tenha um reconhecimento, mesmo sendo de uma suma importância no mercado trabalhista, por não ser assalariado não é valorizado, e quando colocado no mercado não possui um valor significativo, tornando ele um trabalho quando assalariado, de pouco valor, em que a maior porcentagem da categoria de “trabalhadoras domésticas” é ocupada por mulheres negras.

Em busca de igualdades, justiça social e para desconstrução da inferiorização da mulher negra na sociedade nasce o feminismo negro, Akotirene (2019) diz que

“Surge à crítica feminista negra às leis antidiscriminação subscrita às vítimas do racismo patriarcal”.

Nesse contexto, considera-se a crítica o feminismo negro o pontapé inicial para uma continuidade mais organizada na agenda de lutas de mulheres negras, as inquietando sobre o seu lugar na sociedade. A ordem patriarcal racista dá identidades equivocadas construídas através da subordinação de classe, gênero e raça. A compreensão sobre esses estereótipos equivocados trás o entendimento sobre como tais questões interferem no cotidiano da mulher negra.

Embora as mulheres começam a reivindicar seus direitos sociais e trabalhistas, com maior empoderamento e conquistando espaços sociais, no mercado de trabalho e na sociedade, passando a ocupar cargos mais altos e importantes, tendo seu trabalho mais valorizado, certamente mulheres negras não possuem os mesmos privilégios que mulheres no mercado de trabalho, segundo Akotirene (2019),

“Por serem mulheres e negras, há limites de a jurisdição compreender a entrada de mulheres e dos negros no mercado de trabalho se, a bem verdade, as mulheres trabalhavam na parte administrativa da Geral Motors e os negros nas funções que exigiam força física, a linha de montagem. Nenhum dos homens pretos reclamantes nos tribunais precisariam combinar duas causas numa ação para serem atendidos pelo juiz, enfim, eram negros; as mulheres brancas também não precisavam combinar duas marcações identitárias, numa ação por serem apenas mulheres – a classe trabalhadora dirige-se a nós por não sermos capitalistas, o cruzamento do racismo e sexismo geram vulnerabilidades e ausência de seguridade social para mulheres negras.” (AKOTIRENE, 2019, p. 37).

Ainda no pensamento da Akotirene (2019) sobre a violação da identidade da mulher negra, ressalta que ambas são representadas por mulheres brancas, pois perante a sociedade são as outras e invisibilizadas, a representação social cabe somente a homens brancos, e homens negros representando o grupo de pessoas negras, e mulheres brancas representando mulheres, sejam elas brancas ou negras.

Visualiza-se então que mulheres negras é o grupo mais oprimido da sociedade. Segundo Collins (2015) as mulheres brancas até mesmo de classe média não sofrem as mesmas consequências sociais negativas que mulheres pobres e negras, principalmente na questão do trabalho remunerado, ou caracterizando, mal remunerados.

Para uma possível “solução” dessa contradição de espaço feminista, é

necessário deixar perguntas que respondam conforme a execução de relações sociais e relações de subordinação, com esse ar de interrogação de perguntas à serem respondidas, ou que as respostas não são vistas com olhos compreensivos perante a sociedade, mesmo que esteja nítido que as causas da opressão social e racial seja fruto de uma raiz patriarcal e conservadora. A divisão de gênero, raça e classe, vai muito além do que se vê, dentro de cada divisão há mais subdivisões, o que é o caso de mulheres, brancas e negras, Collins (2015) cita como é essa divisão:

“Sob a égide da escravidão, vemos variados degraus de proteção institucional oferecidos às mulheres brancas abastadas, às mulheres brancas trabalhadoras e pobres e às mulheres africanas escravas. As mulheres brancas pobres gozavam de algumas poucas proteções das quais gozavam as mulheres brancas de classes mais altas. Além disso, os status das mulheres negras eram fundamentais para manter todas as mulheres brancas em seus devidos lugares. Controlar a fertilidade das mulheres negras era, também, fundamental para a continuidade da escravidão, já que as crianças nascidas de mães escravas eram, elas também, escravas”. (COLLINS, 2015, p. 21-22).

Nessa perspectiva fica visível que há uma continua desproteção social e negação de humanidade as mulheres negras, nesse ponto a questão de saúde é um direito negado e que traz algumas reflexões para se pensar as implicações.

## Mulher negra e saúde

A Constituição Federal Brasileira de outubro de 1988, estabelece que é dever do estado promover a saúde a todos, independentemente de cor, raça e etnia. As estatísticas brasileiras mostram que mulheres negras têm a saúde mais debilitada devido às diversas situações da desigualdade social. A constituição é uma conquista social, mas ela sozinha não consegue suprir todas as necessidades apresentadas nas lacunas sociais. A situação da saúde no Brasil tem apresentado inúmeras

demandas, onde requer que políticas públicas precisam ser refletidas para que consiga contribuir com a saúde da população brasileira. Visto que ao refletir sobre a saúde pública, a mulher negra tem sido impactada diretamente por falta do apoio do poder público. As mulheres travam batalhas cotidianamente para obter um espaço social igualitário.

Logo se a mulher for negra essa batalha se torna dupla, pois em primeiro momento por ser mulher e secundariamente por ser negra, pois a mesma não tem oportunidade igual a uma mulher branca. A mulher negra possui o salário mais baixo, logo está na base da pirâmide reunindo condições de precarização na alimentação, portanto afeta a saúde. Devido a isso seu processo de oferecimento da mão de obra começa a ter perda quantitativa e qualitativa. Mediante esses fatos a saúde começa a ser impactada.

O nível de desigualdade social do analfabetismo e precarização salarial entre mulheres brancas e negras são tão elevados que precisa ser refletido imediatamente, intervir com políticas públicas para que assim possam obter direitos iguais independentemente da cor de pele. Diante disso a saúde da mulher negra no Brasil tem sido impactada negativamente. “A percepção das desigualdades raciais no tocante à saúde no Brasil é ainda incipiente”. Tal fato poderia parecer surpreendente na medida em que essas diferenças deveriam ser esperadas como resultado óbvio das profundas desigualdades socioeconômicas entre negros e brancos no Brasil.

Enquanto 24,6% dos brancos recebem uma renda inferior a 1 salário mínimo, 44,8% dos negros encontram-se abaixo desse limite de pobreza absoluta; enquanto 25% dos brancos são analfabetos, 48% dos negros encontram-se nessa situação. Com relação às diferenças entre mulheres, os dados publicados a partir do recenseamento de 1980 são alarmantes, sendo da ordem de 48% a taxa de analfabetismo entre as mulheres negras, enquanto que esta porcentagem cai para 24% entre as mulheres brancas. O rendimento médio mensal auferido pelas mulheres brasileiras varia significativamente segundo a cor (GELEDES, 1988, p.9).

Logo, nota-se a interligação entre a questão da saúde e trabalho, a precariedade nas condições de vida da mulher negra condiz com as poucas e não valorizadas oportunidades no mercado de trabalho, o baixo salário implica na manutenção da saúde da mulher negra, pois a prioridade está em manter o alimento diário, seguindo de outras prioridades mais “necessárias”, conseqüentemente a

saúde fica em último plano. Mediante a este contexto, é nítido a falta da intervenção do SUS em viabilizar as políticas de saúde a mulheres negras.

## CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho foi possível capturar os sentidos de compreender a interação do movimento feminista negro, sua teoria que consequentemente traz a intersecção de gênero, raça e classe na produção e reprodução das relações sociais, que pode e contribui para um melhor entendimento das desigualdades sociais que se gestam na sociedade capitalista.

Nessa perspectiva, o presente trabalho faz o esforço de compreender as desigualdades sociais especialmente no tocante as mulheres negras e o porquê das mesmas estarem localizadas na base da pirâmide social. É imperioso afirmar que essas últimas concentram - se os menores índices no que diz respeito à falta de acesso de direitos básicos como saúde, alimentação, educação, e referente às violências os índices são os maiores.

Esses dados e recorte interessam a categoria de assistentes sociais que majoritariamente optou por um projeto profissional que tem como norteamento o interesse por combater qualquer exploração de gênero, etnia e classe, bem como um projeto de sociedade vinculado a liberdade como valor central e a democracia, para isso é necessário entender quais mazelas e o público que atende, e ainda levar em conta que a própria categoria profissional é predominantemente feminina.

Seguindo essa linha de argumentação visualiza-se como de fundamental importância entender os desdobramentos do pensamento feminista negro, a perspectiva teórica metodológica da interseccionalidade como importantes mecanismos de entender as condições de vida e de sobrevivência de mulheres negras.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. / Carla Akotirene. - Sueli Carneiro; Pólen. 2019. (Feminismos Plurais. Coordenação Djamila Ribeiro). São Paulo. 2019

BOARINI, Maria Lúcia; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Higienismo e eugenia: discursos que não envelhecem. *Psicologia Revista*, v. 13, n.1, São Paulo, 2004.

COLLINS, Patrícia Hill. **Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão**. Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015. p.13 à 42.

\_\_\_\_\_. Collins, P. H. (2017). O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso. *Cadernos pagu*, (51).

Damasco, M. S., Maio, M. C., & Monteiro, S. (2012). Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993). *Revista Estudos Feministas*, 20, 133-151.

GELEDES, instituto da mulher negra. **Mulher Negra e Saúde**. São Paulo. Cad. I. maio, 1991.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça**: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social, revista de sociologia da USP*. vol. 26. n.1. p. 61 à 63, junho, 2014.

Ribeiro, D. (2016). Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *sur*, 24, 99-104.

YÈRÓNKÉ, Oyěwùmí. **A invenção das mulheres**: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Ed. Bazar do tempo, 2021, [A invenção das mulheres: Construindo um sen... - Kindle \(amazon.com.br\)](#)